

Pesquisa quer desenvolver frango com menos gordura

LEANDRO CARDOSO

leandrocardoso@pjournal.com.br

Pesquisa em desenvolvimento no Laboratório de Biotecnologia Animal, ligado ao Departamento de Zootecnia da Esalq (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz), pretende avançar o trabalho de mapeamento genético do frango de corte brasileiro e identificar os genes que controlam o crescimento do tecido muscular ainda no estágio embrionário das aves. O objetivo é elaborar ferramentas de análise molecular que permitam a seleção dos frangos com maior quantidade de fibras musculares e menos gorduras. “A partir do estudo destes genes, teremos condições de colocar no mercado uma carne de frango mais saudável, com o menor percentual de gordura possível”, afirmou a pesquisadora Érika Jorge, uma das integrantes do grupo de pesquisa coordenado pelo professor Luiz Lehmann Coutinho.

Em janeiro do ano passado, o laboratório – em parceria com a Embrapa Suínos e Aves e a FMVZ/Unesp – mapeou no DNA do frango as regiões relacionadas com o melhor aproveitamento da produção das aves de corte no país. Segundo o engenheiro agrônomo Millor Fernandes do Rosário, que fez da pesquisa inédita sua tese de doutorado, o levantamento permitiu a localização, no conjunto de características genéticas dos frangos, das áreas que interferem diretamente nos pontos de maior interesse comercial da indústria avícola, como peso, relação entre consumo de alimento e aumento de peso e o rendimento das partes nobres. Foram necessários pouco mais de quatro anos para a conclusão do estudo.

“Depois do mapeamento, estamos agora em um processo mais preciso e apurado de análise, que consiste na identificação, entre os milhares de genes, daqueles que sozinhos ou em conjunto são responsáveis pelo desenvolvimento de determinada característica do crescimento das aves de corte, como é o caso da carne com menor teor de gordura”, explicou o pesquisador. Estima-se que o genoma do frango produzido no Brasil para o consumo seja composto por ao menos 20 mil genes e que cerca de 10% ainda têm sua finalidade desconhecida ou pouco estudada. “Neste estágio, buscamos delimitar qual gene tem maior participação no resultado esperado”, disse Érika.

Atualmente, a principal fonte de despesas da indústria avícola brasileira é a alimentação,



Mateus Medeiros/JP

Rosário e Érika: ‘Queremos é identificar quais genes são necessários para uma maior produtividade’

que corresponde de 70% a 75% dos custos de produção dos frangos de corte. Otimizar a conversão alimentar (capacidade do organismo da ave em transformar alimento em peso) é um dos principais focos desta nova etapa da pesquisa genética, o que também exige o desenvolvimento de estudos em outras áreas. “Não adianta selecionarmos aves que nos forneçam mais carne e mais peito se a carcaça delas não tiver a estrutura adequada e suficiente para suportar a massa maior. As análises têm que caminhar juntas”, afirmou Rosário.

O Programa Brasileiro do Genoma da Galinha teve início em 1999 quando a Embrapa e a Esalq desenvolveram duas populações referenciais de frango derivadas de cruzamentos entre linhagens de corte e de postura. Entre 1999 e 2002, cerca de 4.000 aves foram abatidas e forneceram material para as análises moleculares realizadas no Laboratório de Biotecnologia Animal da Esalq. Neste momento, os pesquisadores buscam integrar os resultados do cruzamento de dados das duas populações e, assim, selecionar uma matriz genética para a produção de frangos mais competitivos no mercado internacional.

Segundo Rosário, o Brasil é eficiente na produção de aves a baixo custo graças ao clima fa-

vorável e à ampla oferta de alimento, mas peca na geração de conhecimento científico na área genética. “O que queremos é identificar e selecionar quais genes ou combinações de genes são necessários para uma maior produtividade”, relatou o pesquisador. As matrizes usadas atualmente pela indústria são importadas, ou seja, oriundas de países cujas condições são diferentes das do Brasil. “Não vamos criar uma galinha transgênica. Não é esse o objetivo do estudo”, acrescentou Érika. “O que queremos é identificar e selecionar quais genes ou combinações de genes são necessários para uma maior produtivi-

de”, pontuou o pesquisador.

INOVAÇÃO – Na avaliação do coordenador do laboratório, professor Luiz Lehmann Coutinho, os estudos desenvolvidos no departamento visam à geração de novas tecnologias. “A maior limitação para o uso da genética molecular em programas de melhoramento genético ainda é a identificação dos genes responsáveis pelo desenvolvimento de características de interesse comercial, mas a geração de recursos genômicos em larga escala promete tornar esta identificação eficiente e precisa”, afirmou Coutinho, por meio da assessoria de imprensa da Esalq.

‘Não vamos criar uma galinha transgênica’, diz Érika